

**Investigação sobre a influência da cefaleia na qualidade de vida dos estudantes de diferentes anos do curso de medicina de uma instituição de São José do Rio Preto**

**An investigation about the influence of migraine in students' life quality of different years of medicine course from an institution of São José do Rio Preto**

**Investigación sobre la influencia del dolor de cabeza en la calidad de vida de estudiantes de diferentes años del curso de medicina de una institución en São José do Rio Preto**

Recebido: 23/12/2020 | Revisado: 24/12/2020 | Aceito: 26/12/2020 | Publicado: 28/12/2020

**Juliana Bertassi Mazucato**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5597-2665>

União das Faculdades dos Grandes Lagos, Brasil

E-mail: [ju.bertassi93@gmail.com](mailto:ju.bertassi93@gmail.com)

**Fernando Carpentieri Ferrarezi**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7152-9134>

União das Faculdades dos Grandes Lagos, Brasil

E-mail: [fernando.ferrarezi@gmail.com](mailto:fernando.ferrarezi@gmail.com)

**Luiza Cavaleiro de Lima**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7052-0720>

União das Faculdades dos Grandes Lagos, Brasil

E-mail: [luizacavalerodelima@gmail.com](mailto:luizacavalerodelima@gmail.com)

**Paula Freitas Favaro**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0903-7347>

União das Faculdades dos Grandes Lagos, Brasil

E-mail: [paulacuri.bio@gmail.com](mailto:paulacuri.bio@gmail.com)

**Marina Pozo**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3027-0370>

União das Faculdades dos Grandes Lagos, Brasil

E-mail: [marinapozo@hotmail.com](mailto:marinapozo@hotmail.com)

## **Resumo**

A migrânea é um sintoma muito comum na população geral, expressando-se com uma prevalência de mais de 90% ao longo da vida, podendo ser caracterizada como um tipo de

cefaleia primária definida como um distúrbio neurovascular crônico, com manifestação clínica determinada por crises intervaladas de cefaleia relacionadas a sintomas como fotofobia, fonofobia, náusea, vômito, sendo frequente também a ocorrência de sintomas neurológicos. A classificação internacional de cefaleia apresenta categorias das diferentes dores de cabeça em tipos e subtipos, sendo os mais comuns a cefaleia tensional e a migrânea com ou sem aura. Os estudantes universitários constituem uma população de risco para migrânea e cefaleia tensional, sendo que se estas comorbidades não forem tratadas podem evoluir para a forma crônica afetando diretamente na qualidade de vida destes indivíduos. O objetivo do trabalho proposto foi avaliar a influência da cefaleia na qualidade de vida dos estudantes de diferentes anos do curso de medicina e estabelecer uma relação entre os anos de graduação e a piora da dor. O estudo foi realizado de modo descritivo prospectivo com 240 alunos. Observou-se que as dores são cada vez mais frequentes ao longo do curso, contudo grande parte dos entrevistados não consideraram que a qualidade de vida foi afetada pela afecção, indicando uma possível adaptação da dor sem que esta afete as atividades diárias. Com os dados obtidos, mostrou-se necessário uma maior propagação sobre os fatores desencadeantes das crises, e a importância da procura pelo Neurologista para o correto diagnóstico e tratamento.

**Palavras-chave:** Qualidade de vida; Migrânea; Estudantes de medicina.

### **Abstract**

The migraine is a very common symptom in general population, expressing itself with a prevalence of more than 90% during lifetime, being characterized as a type of primary headache defined as a chronic neurovascular disturb, with clinical manifestation determined by interval headache crisis related to signs as photophobia, phonophobia, nausea, vomit, being also frequent the occurrence of neurological symptoms. The international headache classification presents categories of different headaches in types and subtypes, and the most common are the tensional headache and the migraine with or without aura. The university students constitute a risky population for migraine and tensional headache, and if these diseases are not treated, they can evolve to the chronic form, directly affecting the life quality of these individuals. The aim of this paper was to evaluate the influence of the headache in students' life quality of different years of Medicine course and establish a relation between the undergraduation years and the pain worsening. The study was developed in a prospective descriptive way with 240 students. It was observed that the pains are more frequent throughout the course. However, great part of the interviewees did not consider that

life quality was affected by affection, indicating a possible adaptation to the pain without affecting their daily activities. With the obtained data, it was necessary a bigger propagation about the crisis triggering factors, and the importance of the consultation to a neurologist for the correct diagnosis and treatment.

**Keywords:** Life quality; Migraine; Medicine students.

## **Resumen**

La migraña es un síntoma muy común en la población general, expresándose con una prevalencia superior al 90% a lo largo de la vida, y puede caracterizarse como un tipo de cefalea primaria definida como un trastorno neurovascular crónico, con manifestación clínica frecuentes de cefalea intermitente relacionados con síntomas como fotofobia, fonofobia, náuseas, vómitos y síntomas neurológicos. La clasificación internacional de cefalea presenta categorías de diferentes tipos y subtipos de cefaleas, siendo las más comunes la cefalea tensional y la migraña con o sin aura. Los estudiantes universitarios constituyen una población de riesgo de migraña y cefalea tensional, y si estas comorbilidades no se tratan pueden evolucionar a la forma crónica afectando directamente la calidad de vida de estos individuos. El objetivo del trabajo propuesto fue evaluar la influencia del dolor de cabeza en la calidad de vida de estudiantes de diferentes años de la facultad de medicina y establecer una relación entre los años de graduación y el agravamiento del dolor. El estudio se realizó de forma prospectiva descriptiva con 240 estudiantes. Se observó que el dolor es cada vez más frecuente a lo largo del curso, sin embargo la mayoría de los entrevistados no consideró que la calidad de vida se viera afectada por la condición, lo que indica una posible adaptación del dolor sin que afecte a las actividades diarias. Con los datos obtenidos, se hizo necesario difundir más sobre los factores desencadenantes de las crisis y la importancia de buscar un neurólogo para el correcto diagnóstico y tratamiento.

**Palabras clave:** Calidad de vida; Migraña; Estudiantes de medicina.

## **1. Introdução**

Qualidade de vida segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) é, a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. Atualmente, o objetivo de muitos estudos tem sido avaliar não somente a prevalência ou morbimortalidade de uma determinada doença ou condição de saúde, mas também o impacto que estas causam

no cotidiano do indivíduo alterando sua qualidade de vida (Campos & Neto, 2014).

As condições de vida e de saúde do ser humano têm melhorado de forma contínua na maioria dos países, graças a grandes conquistas nas áreas econômica, social e ambiental, designando importantes avanços para a saúde e a medicina. Além disso, pesquisas sobre a qualidade de vida relacionada à saúde dos estudantes de Medicina vêm aumentando na sociedade científica, demonstrando que os acadêmicos lidam com várias situações em sua formação médica. Exemplos disso são: ambiente competitivo; cobrança diante das provas; necessidade de lidar com a realidade do paciente; sofrimento pessoal; e, incertezas quanto ao futuro profissional (Morais & Miranzi & Santos, 2017; Souza & Pereira, 2017). Somado a isso, algumas afecções como cefaleia tensional e migrânea podem influenciar na diminuição da qualidade de vida desses indivíduos (Ferreira et al., 2017).

A enxaqueca, também denominada migrânea, é um tipo de cefaleia primária definida como um distúrbio neurovascular crônico com manifestação clínica caracterizada por crises intermitentes de cefaleia associada a sintomas autonômicos, psíquicos e neurológicos (Moura & Pereira, 2016). É caracterizada por uma dor pulsátil, que começa unilateralmente, de intensidade moderada a forte, frequentemente incapacitando o indivíduo para suas atividades cotidianas, podendo se dispersar, ocorrendo fenômenos associados como fotofobia e fonofobia, piora com o esforço físico e geralmente é acompanhada de distúrbios gastrointestinais como dores abdominais, náuseas e vômitos, além de manifestações neurológicas transitórias, tais como: hemianopsia, parestesia, paresia, ataxia, as quais caracterizam a aura enxaquecosa. Dessa forma, os indivíduos que sofrem de enxaqueca preferem deitar-se no escuro, tentando assim reduzir os sintomas (Dantas & Albuquerque & Silva, 2013; Lopes & Fuhrer & Aguiar, 2015).

A cefaleia é um exemplo de dor crônica que interfere substancialmente na qualidade de vida, sendo umas das causas mais importantes de perda de dias de trabalho e custos dos serviços de saúde. É um sintoma muito comum e muito prevalente entre os estudantes universitários, estudos mostraram uma prevalência de 33-98% nessa população (Almeida et al., 2015). Esta diferença poderia ser atribuída a diferenças ambientais, sócio-demográficas, estilo de vida e aspectos genéticos (Menon & Kinnera, 2013). Os estudantes do curso de medicina constituem uma população ainda mais vulnerável, dentre os universitários, em decorrência de sua extensa carga horária com atividades teórico e práticas, privação de sono, dieta irregular e alto nível de estresse (Almeida et al., 2015). A forma episódica da migrânea, se não for tratada, pode evoluir para a forma crônica, afetando diretamente a qualidade de vida (Menon & Kinnera, 2013).

Portanto, tendo em vista que o curso de medicina apresenta carga horária extensa e cotidiano de atividades estressante, o objetivo desse trabalho foi avaliar o quanto a cefaleia influencia na qualidade de vida, interferindo em suas atividades diárias e acadêmicas, desde o ingresso desses alunos até o fim da sua graduação.

## **2. Metodologia**

O estudo foi realizado de modo descritivo prospectivo, quantitativo, com a elaboração de um questionário pelos pesquisadores, como método, que previu avaliar o quanto a cefaleia influencia na qualidade de vida dos estudantes de medicina. A pesquisa qualitativa são aqueles nos quais é importante a interpretação por parte do pesquisador com suas opiniões sobre o fenômeno em estudo (Pereira, 2018). Ademais, o método visou recolher dados através de entrevistas, com perguntas fechadas com 240 alunos do curso de medicina da União das Faculdade dos Grande Lagos em São José do Rio Preto (UNILAGO). Os itens elaborados para compor o estudo foram autoexplicativos, sendo apresentados em forma de interrogativas e afirmações.

Foram obtidos dos entrevistados dados com respeito ao sexo, idade, qual ano está cursando. O questionário foi respondido, sem qualquer interferência do investigador principal e sem a identificação dos participantes. Qualquer voluntário que estivesse regularmente matriculado no curso de medicina na UNILAGO, que se dispôs a preencher o questionário citado e que autorizou a utilização de seus dados através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foi incluído na amostra. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética, sendo o número do parecer: 2.009.349 e CAAE: 66610017.0.0000.5489.

Esse questionário foi aplicado inicialmente em 10 estudantes, e posteriormente validado por um neurologista.

Dados obtidos no questionário foram analisados estatisticamente pelo programa GraphPad InStat.

## **3. Resultados**

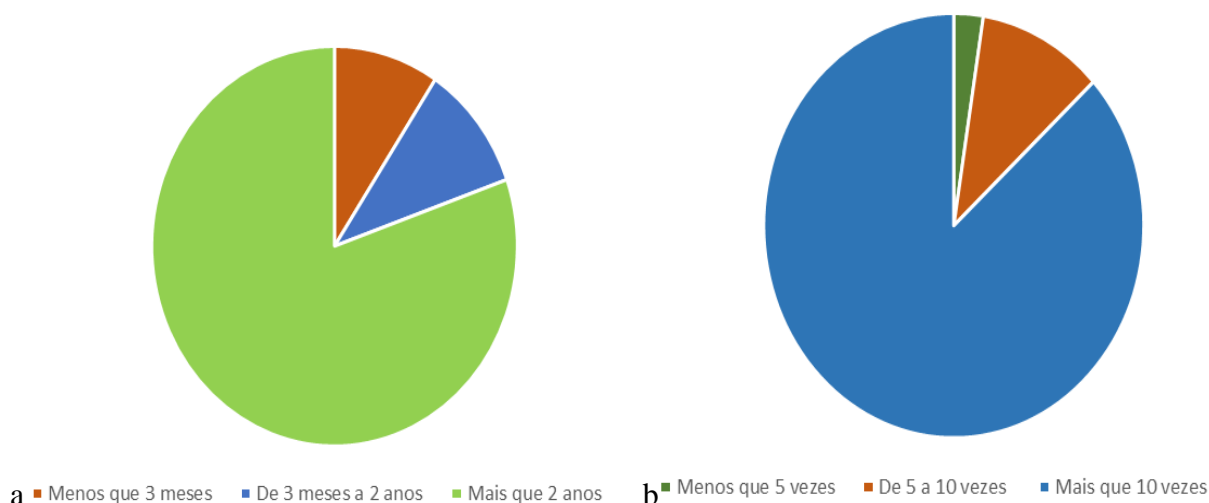
Foram entrevistados 240 alunos do curso de medicina. A média etária dos entrevistados foi de 22,08 anos, e desses indivíduos, 31,6%(76) eram do sexo masculino e 68,4%(164) do sexo feminino. Dos entrevistados 29,1%(70) cursavam o primeiro ano, 28,3%(68) o segundo, 7,1%(17) o terceiro, 22,5%(54) o quarto, 6,3%(15) o quinto e 6,7%(16)

o sexto ano do curso de Medicina.

Inicialmente foi questionado a presença de cefaleia nesses estudantes, destes 82,9% (199) responderam que sim, apresentavam dor, sendo 32,2%(64) alunos do primeiro ano, 28,1%(56) do segundo, 6%(12) do terceiro, 21,6%(43) do quarto, 6,5%(13) do quinto e 5,5%(11) do sexto ano, porém 17,1%(41) disseram não apresentar dor, a partir dessa pergunta somente os que afirmaram Sim continuaram a responder o questionário.

Os alunos responderam sobre o tempo em que são acometidos por cefaleia, 9,7% relataram que apresentavam as crises a menos que 3 meses, 10,2% de 3 meses a 2 anos e 80,1% apresentavam dor de cabeça a mais que 2 anos (Gráfico 1a). Outra pergunta realizada foi sobre quantas vezes as dores de cabeça ocorreram ao longo da vida, os resultados foram que 2,5% responderam serem acometidos por cefaleia menos que 5 vezes, 10,6% de 5 a 10 vezes e 86,9% mais que 10 vezes (Gráfico 1b).

**Gráfico 1 - a)** Comparação de quanto tempo os entrevistados apresentam quadros de dor de cabeça durante a vida. **b)** Comparação entre a frequência de quadros de cefaleia ao longo da vida dos estudantes entrevistados.



Fonte: Autores.

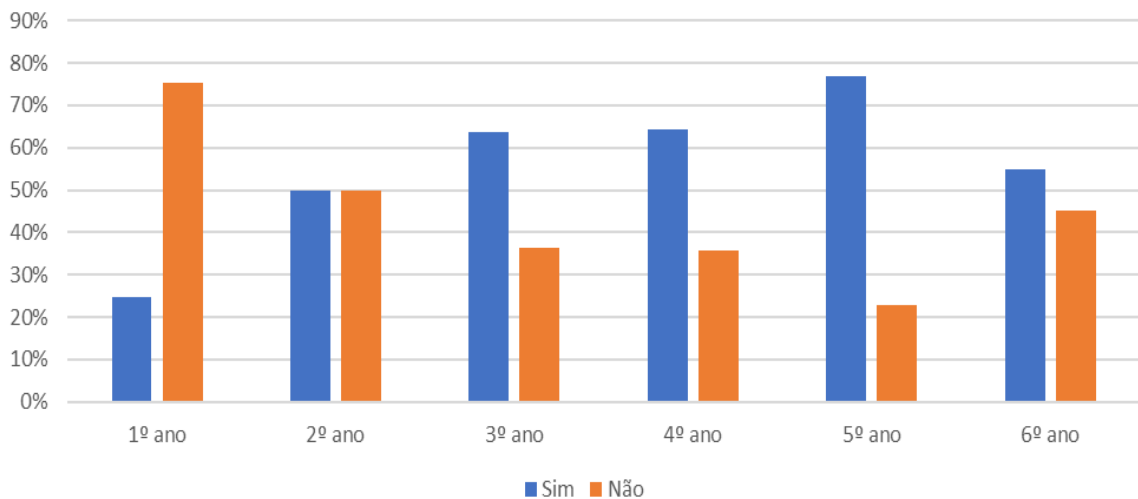
Importante observarmos que a cefaleia se faz presente na vida dos estudantes entrevistados em sua maioria há mais de 2 anos e com frequência maior que 10 vezes. O que afirma a relevância do tema a ser discutido.

Com relação a realização de exames para diagnóstico de cefaleia 196 responderam o campo sendo que 26,54%(52) responderam sim e 73,46%(144) não. Sobre a necessidade de ir à emergência devido as crises 73,4%(147) responderam que não e 24,6%(48) responderam

que sim.

Foi questionado sobre a piora da dor após o ingresso no curso de medicina, e todos que afirmaram ter dor de cabeça preencheram este campo (199). De acordo com cada ano os resultados obtidos foram que 23,4%(15) dos alunos primeiro ano disseram que a dor piorou e 76,6%(49) disseram que não. Do segundo ano 50%(28) disseram que sim e 50%(28) que não. Do terceiro ano 66,6%(8) afirmaram que sim e 33,4%(4) que não. Em relação aos alunos do quarto ano 65,2%(28) disseram que houve piora e 34,8%(15) que não. Estudantes do quinto ano 77%(10) afirmam que houve piora e 23%(3) que não. E por fim alunos do sexto ano em que 55%(6) disseram que sim e 45%(5) que não (Gráfico 2).

**Gráfico 2** - Análise da piora ou não da dor após o ingresso ao curso de medicina em diferentes anos da graduação.



Fonte: Autores.

No Quadro 1 é mostrado que os alunos de todos os anos do curso de medicina afirmaram que a qualidade de vida não foi alterada pela cefaleia, este dado comprovado estatisticamente ( $p=0,0856$ ). Porém, com passar dos anos cursados, os estudantes afirmaram que o ingresso ao curso piorou a cefaleia ( $p<0,0001$ ), diferindo estatisticamente principalmente do primeiro ano, composto pelos estudantes do primeiro e segundo período.

**Quadro 1** - Análise comparativa das variáveis em relação aos alunos de diferentes anos do curso de medicina.

Variáveis		1º ano		2º ano		3º ano		4º ano		5º ano		6º ano		P	X <sup>2</sup>	G L
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
1	Sim	47	38,8	29	24	7	5,8	27	22,3	5	4,2	6	4,9	0,0856	9.655	5
	Não	17	21,8	28	35,9	4	5,1	16	20,5	8	10,3	5	6,4			
2	Sim	15	16,2	28	30,1	8	7,54	28	29,0	10	10,7	6	6,45	<0,0001	26.834	5
	Não	49	46	28	28	4	4	15	14	3	3	5	5			

Legenda:

- 1) Você acha que sua dor de cabeça afeta a sua qualidade de vida?
- 2) A dor piorou após ingresso no curso de medicina?

Fonte: Autores.

#### 4. Discussão

É evidente que a cefaleia é um importante problema de saúde pública no Brasil e no mundo devido ao impacto individual e social que essa condição clínica acarreta. Devido à sua alta incidência e ao elevado potencial de cronificação, além dos custos econômicos e redução na qualidade de vida que afeta quem a sente (Morgan & Cousin 2016; Stefanel & Napoleão, 2012)

Incluídos nessa população estão os estudantes universitários, cujas atividades acadêmicas desenvolvidas exigem significativo empenho, incluindo esforço físico e mental. Esse transtorno apresenta características incapacitantes, capazes de influenciar direta e indiretamente no cotidiano dos indivíduos (Oliveira & Souza, 2016). Soma-se a isso, a influência negativa no rendimento acadêmico de alunos de medicina, pois estes compõem um grupo susceptível em razão de serem jovens e com presença de diversos fatores desencadeantes (como, por exemplo, o estresse). As pesquisas, no que tange analisar o grau de incapacidade por enxaqueca nessa população, mostram-se relevantes socialmente, isso porque estimulam uma discussão sobre o comprometimento dessa enfermidade entre universitários de medicina e sobre as medidas que possam proporcionar melhor qualidade de



vida desses estudantes (Moura & Pereira, 2016).

Existe ainda a possibilidade da ocorrência da resiliência, que pode ser definida como a capacidade de se adaptar às circunstâncias estressantes, sendo associada à diminuição da percepção do estresse. Níveis mais elevados de resiliência estão associados com maiores níveis de aceitação da dor e adaptação a esta, independentemente do tempo de sua duração. A resiliência previne o estresse emocional, sendo associada a menores níveis de depressão e ansiedade (Souza & Godoi & Baptista, 2017).

De acordo com um estudo feito em 2013 com 500 alunos, o gênero feminino se mostrou mais afetado pela enxaqueca entre os estudantes com uma preponderância de 62% e que, no entanto, apenas 14% dos estudantes foram para serviços de emergência por causa da dor de cabeça severa. O mesmo trabalho relatou que 31% dos estudantes sentiram que a dor de cabeça aumentou em intensidade e frequência desde o início do curso (Menon & Kinnera, 2013). Outro estudo feito em 2015 com 200 alunos evidenciou que a qualidade de vida do estudante de medicina mostrou-se inadequada. Lopes & Fuhrer & Aguiar, 2015).

Os resultados obtidos na presente pesquisa, estão de acordo com os estudos citados anteriormente no que diz respeito ao maior acometimento do sexo feminino com relação aos quadros de cefaleia e a baixa procura por emergência durante crises mais severas. Contudo, alunos de todos os anos do curso afirmam que a qualidade de vida não foi alterada pela cefaleia, indicando uma possível adaptação da dor sem que esta afete as atividades diárias, ou seja a possível ocorrência da resiliência, como citado anteriormente. Entretanto, ao longo da graduação do curso de medicina, os acadêmicos afirmaram que houve piora da dor, isso podendo ser atribuído a extensa carga horária e situações estressantes pelas quais estão expostos.

## **5. Conclusão**

Observou-se que a grande maioria dos entrevistados apresentaram dores de cabeça recorrentes e apesar disso não consideraram que as dores alteraram a qualidade de vida.

Porém, fica evidente ser necessário uma maior propagação sobre os fatores desencadeantes das crises, sobre os hábitos de vida que possam evitar os quadros de cefaleias e a importância da procura pelo profissional Neurologista para o correto diagnóstico e tratamento. Dessa forma, é imprescindível que novas pesquisas sejam realizadas para melhor definição dos fatores de risco, para que assim possamos atuar com maior eficácia na prevenção das crises de cefaleia.

## Referências

Almeida, C. M. O., Lima, P. A. M., Stabenow, R., Moto, R. S. S., Boechat, A. L., & Takani, M. (2015). Headache-related disability among medical students in Amazon: a cross-sectional study. *Arquivo de Neuro-Psiquiatria*, São Paulo, 73(12), 1009-1013.

Campos, M. O., & Neto J. F. R. (2014). Qualidade de vida, um instrumento para promoção da saúde. *Rev. Baiana Saúde Pública*. 32(2), 65.

Dantas, D. R. A., Albuquerque, M. H. F., & Silva, R. A. (2013): Terapia manual no tratamento das cefaleias do tipo tensional. *Revista UNI-RN*, Natal, 12(½),143-152.

Ferreira, A., Morais, J., Souza, J., Ferreira, C., Machado, T., & Santos, A. P. (2017). Caracterização de indivíduos com cefaleia do tipo tensional e relação com a qualidade de vida, depressão e ansiedade. *Revista Fisioterapia e Reabilitação*. Palhoça, 1, (2), 0109.

Lopes, D. C. P., Fuhrer, F. M. E. C., & Aguiar, P. M. C. (2015). Cefaleia e qualidade de vida na graduação de medicina. *Revista brasileira de neurologia e psiquiatria*. Capa – 19(2).

Menon, B. & Kinnera, N. (2013) Prevalence and characteristics of migraine in medical students and its impact on their daily activities. *Annals of Indian Academy of Neurology*, 16(2), 221–225.

Morais, A. F., Miranzi, I. M. O. & Santos J. C. (2017). Nível de estresse e satisfação dos profissionais da equipe de saúde da família. *Anais do INESC – II Mostra Científica do curso de Medicina*. Capa - 1(1).

Morgan, M., Cousins S., & Middleton, L. (2016). Patients' experiences of a behavioural intervention for migraine headache: a qualitative study. *The Journal of Headache and Pain*, 17.

Moura, L. C., Pereira, L. B. M. & Pimente L. H. C. (2016). Prevalência de incapacidade por enxaqueca em estudantes de medicina. *Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria*.

Souza, M. N. A & Pereira, F. E. L. (2017). Correlação entre qualidade de vida e distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho em mineiros. *R. bras. Qual. Vida, Ponta Grossa*, v. 9(3), 247-260.

Oliveira, G. S. R, Souza, P. A., & Marbak, R. F. (2016). Influência da cefaleia no cotidiano de estudantes universitários. *Revista UNIFACS*, 15.

Souza, I., Godoi, A. G., & Baptista, A. F. (2017). Perfil de resiliência em pacientes com dor crônica. *Cad. Saúde Pública*. Rio de Janeiro.

Stefanel, T., Napoleão, A. A., & Sousa, F. A. E. F. (2012). Influência de tratamentos para enxaqueca na qualidade de vida. Revisão integrativa de literatura. *Revista Brasileira de Enfermagem*.

Pereira, A. S. et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. Santa Maria: UFSM.

#### **Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito**

Juliana Bertassi Mazucato 20%

Fernando Carpentieri Ferrarezi 20%

Luiza Cavaleiro de Lima 20%

Marina Pozo 20%

Paula Curi de Freitas Favaro 20%